



DIOGO PAIVA BRANDÃO



“TODA A HUMANIDADE ESPERA A NOSSA ORAÇÃO”

Em plena Semana de Oração pelas Vocações (18 a 25 de abril), o Jornal VOZ DA VERDADE dá a conhecer as jovens irmãs Marina e Cristina, naturais da paróquia do Milharado, que fizeram os votos nas Clarissas de Monte Real. **pág.02**

Reportagem

Comunidade
Vida e Paz inicia
apoio em Odivelas
pág.05

Cáritas Portuguesa
lança campanha
solidária
pág.08

Papa lembra que
“nenhum de nós
nasce santo” e
convida à “oração”
pág.09

Festa da Família em modo paroquial e com mensagem do Cardeal-Patriarca

“Devido à pandemia, a Festa da Família de 2021 será celebrada na Missa de Domingo, 30 de maio, na sua paróquia”, anunciou a Pastoral Familiar do Patriarcado de Lisboa. Nesse dia, em cada celebração paroquial, as famílias vão receber a bênção do pároco e aos casais jubilares (que fazem 10, 25, 50, 60 ou mais anos de casados) será entregue “um diploma personalizado com a Bênção do Senhor Patriarca”, que terá de ser pedido previamente através da inscrição no site www.familia.patriarcado-lisboa.pt, informou o casal diretor da Pastoral da Família, Regiani e Tiago Líbano Monteiro, numa informação enviada às paróquias. Na mesma data, mas na parte da tarde, está previsto um “evento online”, dedicado ao “diálogo entre gerações”, que vai contar com a participação do Cardeal-Patriarca, D. Manuel Clemente, que vai deixar uma mensagem a todas as famílias.

Na semana que antecede a Festa da Família, entre 24 e 28 de maio, sempre às 21h30, vão ser transmitidos, no canal YouTube da Pastoral da Família, eventos de preparação da iniciativa, com o tema educação, que percorrem o capítulo 7 da exortação apostólica ‘Amoris Laetitia’.

Especial

“UMA LEITURA QUE DEVE INDIGNAR-NOS”

Relatório apresentado pela Fundação AIS revela que cerca de 67% da população mundial vive em países onde há graves violações da liberdade religiosa. **pág.06**



António Bagão Félix
Movimento Acção Ética

P. Manuel Barbosa, scj
12 desafios “fratelli tutti”

Opinião
pág.04

P. Nuno Rosário Fernandes
Liberdade para quê?

Editorial
pág.12

Duas irmãs do Milharado nas Clarissas de Monte Real

UM 'SIM' DIÁRIO A JESUS

São duas jovens irmãs de 30 e 34 anos, naturais do Milharado, em Mafra, que fizeram os votos nas Clarissas. As irmãs Cristina e Marina quiseram “entregar a vida a Deus”, numa vida de oração em clausura, onde colocam diariamente “toda a humanidade”.

texto e fotos por Diogo Paiva Brandão



‘Pronto, agora não posso oferecer mais nenhuma. Tenho duas filhas e já cá estão as duas’. Foi com este sentimento que, em 2017, o pai da família Quirino deixava a segunda filha no mosteiro das Clarissas em Monte Real. “Foi muito engraçada a reação do nosso pai. Eu vim em outubro e nada acontece por acaso. Nossa Senhora é Mãe e estava aqui presente, a amparar e a ajudar-nos”, refere ao *Jornal VOZ DA VERDADE* a irmã Cristina, de 30 anos, que fez os votos simples temporários nas Irmãs da Ordem de Santa Clara de Assis (Clarissas) no passado dia 11 de abril. Para a sua irmã (de sangue e, agora também, de família religiosa) Marina, estas vocações são um presente de Maria para o pai. “O meu pai, apesar de não ser praticante, tem uma grande devoção a Nossa Senhora. Todos os anos tínhamos de ir a Fátima. Embora lhe custe muito – ainda por cima as duas filhas –, a nossa vocação religiosa é algo que ele não esperava e que só no Céu iremos compreender, mas é como que uma gratidão de Nossa Senhora pela devoção que ele tem”, considera ao *Jornal VOZ DA VERDADE* a filha mais velha, de 34 anos, que entrou nas Clarissas em 2005. Esta religiosa garante mesmo que “o pai nunca disse ‘Não vás’”. “Nunca tentou impedir, nem a mim, nem à irmã Cristina, e teve um ato heróico: ele fez questão de nos vir trazer, fez questão que toda a família nos viesse trazer. Apesar de lhe custar imenso, podemos comparar com a apresentação de Jesus no templo: ele veio trazer as filhas a Deus”, manifesta.

Tocada pela adoração

A irmã Marina Sofia foi a primeira a entrar na vida religiosa. Após o Crisma, em 2005, esta jovem, então com 18 anos, começa a interrogar-se. “Não pensava em nada em concreto”, diz. “Nem conhecia quase nada de vida religiosa”, acrescenta, sublinhando também que “nunca tinha tido nenhuma experiência em campos vocacionais”. Certo dia desse ano, Marina vai a Fátima, em família. As avós quiseram então ir à Capelinha

do Santíssimo Sacramento, à adoração. “Foi aí que, ao ver uma religiosa em adoração, senti a despertar um ‘porque não?’”, conta. Após aquele momento de confronto, esta jovem “não disse nada a ninguém”. “Embora o meu pai se tenha apercebido de alguma coisa, não disse nada, nem imaginava o que seria”, refere. Na semana seguinte, Marina encontra o site das Clarissas. “Escrevi às irmãs, que me convidaram a vir cá passar uma semana”, relata. Marina estava a terminar o 11.º ano, na área de Informática. “Foi em junho, vim cá passar a semana e foi uma experiência daquelas que não temos palavras para descrever. Tocou-me muito a adoração eucarística e a alegria das irmãs. Foram estes dois pontos que me fizeram perceber: ‘É aqui que o Senhor me espera’. Não havia necessidade de procurar mais nada”, assume, recordando que entrou nas Clarissas de Monte Real “no dia 18 de julho de 2005”. Marina colaborava na catequese e no coro paroquial e, dos amigos do

Milharado, teve “reações de surpresa”, mas, “ao mesmo tempo, acharam bem”. “Deram-me força”, garante.

A jovem foi então acompanhada pela mestra de noviças, no tempo de discernimento, terminou o 12.º numa escola da Marinha Grande, fez os votos simples temporários em 2009 e os votos solenes perpétuos cinco anos mais tarde, em 2014. “A minha vida é uma vida normal de uma Clarissa. O centro é a Eucaristia, a oração e a adoração, em que procuramos ter ali, diante de Deus, a humanidade inteira”, partilha.

Entregar a vida a Deus

Se Marina entrou na vida religiosa com 18 anos, quando ainda era estudante, a sua irmã, Cristina Isabel, entrou nas Clarissas quando estava já na vida profissional. Foi em 2017, aos 26 anos. “Costumava vir ao mosteiro visitar a minha irmã e passar férias, ou quando as coisas não me corriam muito bem... Uma vez, uma irmã que andava a servir

lá fora, disse-me: ‘A Cristina fazia muito bem era fazer como a irmã Marina e dar o salto cá para dentro’. Eu respondi: ‘Nunca na minha vida’, porque a ideia de estar na clausura não me fascinava”, assume. Há cerca de quatro anos, surge então “um convite formal das irmãs”. “Foi um desafio sério, para me deixar experimentar. Pensei: ‘Tens coragem, vem experimentar. Perder, não perco nada... vou e arrumo este assunto de uma vez por todas, digo que não é este o meu caminho e as irmãs ficam mais descansadas e escusam de me andar sempre a inquietar”, partilha. Cristina trabalhava numa fábrica de iogurtes, na zona do Milharado, morava com os pais e os dois irmãos rapazes, tinha o seu carro e a sua independência. Meteu férias do trabalho e foi, sem dizer nada à família sobre o real propósito. “As intenções guardei-as cá dentro, no silêncio, como Maria, que guarda tudo no coração”, refere. Estávamos no mês de maio, nos dias em que o Papa Francisco esteve em Portugal, para o centenário das aparições. “A semana de experiência, dentro da clausura, mudou tudo aquilo que eu pensava, toda a perspetiva que nós temos lá de fora. Apesar de eu ter cá a irmã Marina, e de ela me contar, não há nada como fazer a experiência. Como São Tomé, ver para crer. Eu tive que vir ver, tocar com as minhas próprias mãos, e ver com os meus próprios olhos para acreditar”, observa. Estes três anos e meio nas Clarissas de Monte Real, segundo garante a irmã Cristina, foram “muito enriquecedores”. “Temos acompanhamento, que nos ajuda espiritualmente. Foi conhecer Jesus, por quem nos apaixonamos, no nosso dia a dia. O nosso ‘sim’ é um ‘sim’ diário. Todos os dias, lidar com as nossas fragilidades, com as nossas fraquezas, aprender a amar Jesus no irmão”, frisa a religiosa, garantindo que o carisma das Irmãs Clarissas é “viver em fraternidade”.

Sobre a celebração de votos simples temporários, no passado dia 11 de abril, a irmã Cristina diz ter dado o seu ‘sim’ “com firmeza e com vontade”. “É isto que quero para a minha vida. Não porque estou aborrecida com alguma coisa





Irmã Marina

MENSAGEM ESPECIAL AOS JOVENS

Em plena Semana de Oração pelas Vocações (18 a 25 de abril), as irmãs Marina e Cristina foram desafiadas, pelo Jornal VOZ DA VERDADE, a deixarem uma mensagem aos jovens.

Irmã Marina: “Que não tenham medo de deixar que o Senhor os toque. Todos nós passamos por isso: por vezes, temos medo daquilo que Ele nos possa pedir, mas Ele dá-nos sempre muito mais e nunca nos pede nada que não tenhamos capacidade para dar. Quanto mais nós damos a Deus, é aí que encontramos a nossa felicidade. Este mundo pode-nos oferecer tudo, mas não nos dá nada. Os jovens, hoje, serão felizes na medida em que se abrirem à graça de Deus e deixarem que Ele os toque.”

Irmã Cristina: “É muito importante ajudar os jovens a descobrirem o dom da Eucaristia, a conhecerem Jesus. Não podemos amar aquilo que não conhecemos. Também sou jovem, ainda há pouco tempo estive lá fora, e sei que há muita coisa que nos passa ao lado. É importante aprender a viver a Eucaristia, porque Jesus, que nos ama verdadeiramente, está realmente ali presente de braços abertos, para nos acolher, e tem um projeto lindíssimo para cada jovem. Não tenham medo de escancarar as portas a Cristo.”



Irmã Cristina

do mundo, mas porque quero entregar a minha vida a Deus. Pelo mundo, pelos jovens, pelas orações, pelas vocações, pela conversão dos pecadores, pelas almas”, deseja a jovem consagrada.

Mães umas das outras

A mais nova das duas religiosas, com 30 anos, refere ser “positivo” ter uma irmã no mesmo mosteiro, mas destaca que não entrou na vida religiosa “por causa dela”. “Quem me tocou foi Jesus. Nós não estamos aqui por nenhuma das irmãs”, garante a irmã Cristina. Já a irmã Marina, quase cinco anos mais velha, refere que é “um fortalecimento” ter a sua irmã consigo. “O ‘sim’ dela ajuda-me a recordar o meu ‘sim’, mas nós procuramos que a nossa relação seja igual com todas as outras irmãs. Como a nossa fundadora, Santa Clara, escreve na Regra, nós devemos ser mães umas das outras. Procuro ter por todas

o amor que tenho por ela”, assegura. Além das irmãs Marina e Cristina, a família Quirino, do Milharado, tem mais dois irmãos, ambos mais novos do que as religiosas. “Quando eu já estava aqui, nasceu o mais novo de todos, que tem agora 13 anos, o Francisco Xavier, e há ainda o Mário Jorge, que vai fazer 28 anos”, diz a irmã Marina. “A nossa vocação é um processo de crescimento para eles e, se calhar, para se interrogarem sobre a posição de Deus nas suas vidas”, referem. Sobre a relação com a família, estas religiosas sublinham que “os pais e os irmãos vêm ao mosteiro sempre que querem”. “Agora, com a pandemia, as visitas foram mais limitadas, mas num aniversário, se eles quiserem, podem vir celebrar connosco”, frisam.

Em contramão e oração

Para a irmã Cristina, a vertente do carisma que mais a entusiasma e desafia

é “a vivência da pobreza”. “Enquanto o mundo procura riquezas, nós buscamos a pobreza que não é a simples recusa das coisas materiais, mas é a identificação com Cristo e sua Mãe, e é também a comunhão com os pobres, nossos irmãos, que não têm o indispensável para viver com dignidade”, responde esta jovem, deixando ainda uma imagem: “Hoje, a vida consagrada é um sinal de contradição para o mundo, é seguir em contramão. Enquanto o mundo busca o ruído, nós procuramos o silêncio; enquanto o mundo procura progredir economicamente, nós buscamos a pobreza; enquanto o egoísmo e a autossuficiência imperam no mundo, nós procuramos a partilha fraterna e a obediência por amor. Se o mundo busca a alegria e o prazer, nós vivemos a alegria do amor de Deus”.

Já a irmã Marina, quando questionada sobre os desafios da vida de clau-

sura, faz silêncio e baixa a cabeça. Depois, de sorriso no rosto, responde: “Toda a vida é um desafio, na medida em que nós procuramos ser fiéis àquilo a que nos comprometemos. Sabemos que o Senhor chamou-nos naquele momento, mas constantemente nos chama à fidelidade. Todas somos diferentes – mesmo sendo irmãs de sangue –, pelo que a vida comunitária é um grande desafio. Depois, temos o grande desafio da fidelidade à oração. Das coisas que mais me toca é de facto a adoração, aquele momento a sós com o Senhor, em que podemos tomar, nas nossas mãos, toda a humanidade e colocar diante d’Ele. Podemos ter a tentação de pensar que estamos aqui fechadas, e a nossa vida pode parecer inútil, mas através da nossa oração conseguimos chegar onde outras não conseguem. Toda a humanidade está à espera da nossa oração”.

O DIA A DIA NO MOSTEIRO DE SANTA CLARA E DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO

Inaugurado em 1972, o Mosteiro de Santa Clara e do Santíssimo Sacramento (www.clarissamontereal.pt), em Monte Real, na Diocese de Leiria-Fátima, tem atualmente 34 irmãs, incluindo 14 jovens timorenses (três noviças e onze postulantes), que estão a fazer formação para voltarem à Fundação que as Clarissas têm em Timor, desde 2012. As restantes 20 religiosas são portuguesas. “A mais velha tem 97 anos e, das professoras solenes, a mais nova sou eu”, revela a irmã Marina, que completa 35 anos em agosto próximo.

Como é a vida diária neste mosteiro de clausura? As irmãs Marina e Cristina revelam: “Levantamo-nos às 6h30, para meia hora de arranjo pessoal. Às 7h00, no coro alto da igreja, rezamos laudes e hora intermédia, depois temos um tempo de oração pessoal. Às 8h00 temos o pequeno-almoço, a que se seguem os trabalhos – por norma, as irmãs já sabem o trabalho que têm destinado. Ao meio-dia temos a segunda hora intermédia e, após o almoço, rezamos duas partes do Rosário, em comunidade – quando o tempo está bom, vamos passeando pela nossa cerca. Das 14h00 às 15h00 é o tempo que nós chamamos de ‘silêncio maior’, em que as irmãs recolhem às celas para oração pessoal, leitura ou descanso. Rezamos depois a terceira hora intermédia e seguem-se os trabalhos ou estudo de música ou de documentos da Igreja. Às 17h20 temos a terceira parte do Rosário, com o povo, na igreja, e às 18h00 temos Missa, com vésperas incluídas, e um tempo de ação de graças, ofício de leitura ou ensaio da liturgia. O jantar é às 20h00 e depois temos um tempo de recreio – é aquele momento em que estamos distraídas, que conversamos umas com as outras, damos notícias, porque durante as refeições uma irmã faz leitura espiritual ou de jornais e documentos da Igreja. Depois do recreio, pelas 21h40, temos a última oração, as completas, em conjunto, e o recolher às celas, pelas 22h00”.



A irmã Maria Clara (ao centro), Madre Abadessa do Mosteiro de Santa Clara e do Santíssimo Sacramento, em Monte Real, acompanhada das irmãs Cristina e Marina, no locutório – a ‘sala de visitas’ do mosteiro, dividida a meio por um pequeno muro



António Bagão Félix (Escrito na grafia anterior ao chamado AO)

Movimento Acção Ética



Vivemos tempos de erosão ética, de desvalorização e relativização de valores e princípios inalienáveis de vida em sociedade, de indiferença cívica e de hipersubjectivismo comportamental. No início deste ano, foi lançado o **Movimento Acção Ética** (abreviadamente **MAE**), com a ideia central de contribuir para uma maior consciencialização dos imperativos éticos, despertando a reflexão e estimulando o contributo de pessoas de boa vontade e de livre arbítrio. Os fundadores do **MAE** entendem que o primado da ética é inseparável da razão de ser das acções pessoais e dos códigos de conduta profissionais, públicos e institucionais e que não há remédios técnicos para males éticos. O **MAE** é uma iniciativa cívica, laica e informal da sociedade civil, fundado por Paulo Otero (jurista), Pedro Afonso (médico psiquiatra) e Victor Gil (médico cardiologista) António Bagão Félix (economista).

Na carta de princípios deste movimento, destacam-se:

- O **valor inviolável e inegociável da vida humana**;
- O respeito integral pelo princípio da **centralidade** da pessoa;
- A consideração da **dignidade** como propriedade inalienável de cada um e de todos os seres humanos, sem condições ou restrições;

- O respeito pela **autonomia** da pessoa, que existe por si e em si, repudiando visões programadas do ser humano;
- A adesão ao princípio da **perfectibilidade**, para exprimir a capacidade que a pessoa possui de aperfeiçoar-se e melhorar;
- A **indivisibilidade dos direitos humanos**, afastando ópticas redutoras ou fraccionadas dos mesmos;
- A ideia da **justiça**, como um valor ético de bem, não limitada à justiça formal e contabilística, distante, impessoal e estatística;
- O ideal de **equidade**, tratando igualmente o que é igual e diferentemente o que é desigual, na medida dessa desigualdade;
- A afirmação plena do princípio da **responsabilidade** individual, social e institucional e da inerente competência moral;
- A harmoniosa conjugação entre **direitos e deveres**, bem como entre liberdade e responsabilidade;
- A primazia do princípio do **bem comum**, como fim último da Sociedade, condição imprescindível para a promoção integral da pessoa e razão de ser da autoridade política, que deve servir a sociedade civil da qual é expressão;
- A consagração do valor da **solidariedade** como um princípio ordenador da vida em sociedade, uma virtude moral e um dever social;

- A prossecução do princípio da **participação**, enquanto dever-direito de se tomar parte nas decisões da vida social, na promoção do bem comum e no desenvolvimento da cultura do próximo;

- A consideração da **subsidiariedade** como fonte de energia geracional e comunitária e princípio de liberdade, de iniciativa, de responsabilidade e de harmoniosa hierarquia e subordinação de valores, pelo qual não se deve deixar a uma organização social superior, maxime o Estado, o que uma sociedade mais elementar melhor pode fazer.

O **MAE** advoga, também, uma convergência entre o direito positivo e as exigências éticas e deontológicas. O conjunto do que é moralmente aceitável (o legítimo) é mais exigente do que é o juridicamente aceitável (o legal). Como tal, há aspectos da vida em sociedade que a lei não impõe, mas que se nos podem e devem impor.

O **MAE** entende, ainda, que é imperativo robustecer a responsabilidade ética no uso da técnica, evitar a confusão entre fins e meios e promover a permanente necessidade de uma orientada gestão de recursos finitos que erradique o desperdício, a futilidade e a redundância. Defende um desenvolvimento que respeite e promova a **família**, enquanto primeira sociedade natural, titular de direitos próprios, originários, invioláveis e insubstituíveis, lugar, por excelência, da humanização da pessoa e da sociedade e pedra angular dos programas sociais do futuro.

Considera que Ciência e Ética podem e devem ser sempre harmonizadas, afastando visões maniqueístas, quer de uma ciência unipolar que secundarize as exigências éticas, quer de uma ética castradora do progresso científico ao serviço do Homem.

Defende uma **ética biocêntrica**, refutando a ideia de pôr o Homem à parte da Natureza, como se esta e todos os outros seres vivos não tivessem direito aos nossos deveres para com eles. Em suma, o **MAE** pugnará sempre pela prioridade da ética sobre a ambivalência da técnica, da pessoa sobre as coisas, da valorização do ser sobre o apenas ter ou estar, de nós como sujeitos e fins sobre nós como meios ou meros instrumentos.

O **MAE** tomou já algumas posições públicas que podem ser vistas através dos contactos em baixo indicados, designadamente sobre a questão da eutanásia e do respectivo Acórdão do Tribunal Constitucional.

Site: www.acaoetica.pt

Facebook/Messenger: @MAE.movimentocivico



P. Manuel Barbosa, sej

12 desafios “fratelli tutti”



Em partilha recente sinalizei a semana de estudos sobre a vida consagrada, realizada de forma digital ao longo da Quaresma, e acenei à reflexão da Irmã Conceição Mesquita que propõe 12 desafios ou atitudes à luz da encíclica “Fratelli tutti”. Destaco-os agora por constituírem fortes interpelações à essência da nossa vida cristã: a filiação em Deus e a fraternidade de irmãos, na sua intrínseca união. Algumas dicas dessa reflexão (as citações são da encíclica):

1. **Amabilidade.** “A amabilidade é uma libertação da crueldade que às vezes penetra nas relações humanas, da ansiedade que não nos deixa pensar nos outros, da urgência distraída que ignora que os outros também têm direito de ser felizes. Hoje raramente se encontram tempo e energias disponíveis para se demorar a tratar bem os demais, para dizer com licença, desculpe, obrigado. O exercício da amabilidade não é um pormenor insignificante nem uma atitude superficial ou burlesca. Dado que pressupõe estima e respeito, quando se torna cultura numa sociedade,

transforma profundamente o estilo de vida, as relações sociais, o modo de debater e confrontar as ideias”.

2. **Caridade.** No centro da nossa vida cristã e social está a caridade, o amor de Deus derramado nos nossos corações, que nos transforma o olhar e nos leva a perceber a dignidade do outro.

3. **Cuidado.** O amor leva-nos a cuidar dos outros e da nossa casa comum, a contruir um mundo melhor. Cuidar da fragilidade de cada homem e mulher, com a mesma atitude solidária e solícita de proximidade do bom samaritano, é cuidar com ternura e fecundidade.

4. **Diálogo.** Para procurar juntos a verdade no diálogo, “precisamos de comunicar, descobrir as riquezas de cada um, valorizar aquilo que nos une e olhar as diferenças como possibilidades de crescimento no respeito por todos”.

5. **Hospitalidade.** Ser hospitaleiro é acolher e amar a todos sem distinção, com pequenos gestos de cuidado mútuo, com sentido gratuito, com o coração aberto para o diferente. “Quando se acolhe com todo o coração a

pessoa diferente, permite-se-lhe continuar a ser ela própria”.

6. **Proximidade.** Ser próximos é cuidar das relações fraternas, escutar o outro, cultivar a cultura do encontro e da proximidade. “Habitamo-nos a olhar para o outro lado, passar à margem, ignorar as situações até elas nos caírem diretamente em cima”. No nosso quotidiano somos “próximos” ou “sócios”?

7. **Perdão.** “O perdão livre e sincero é uma grandeza que reflete a imensidão do perdão divino. Se o perdão é gratuito, então pode-se perdoar até a quem resiste ao arrependimento e é incapaz de pedir perdão”.

8. **Reconciliação.** Somos convidados a cultivar a reconciliação intimamente ligada ao perdão, a solidariedade e a paz, uma reconciliação reparadora que nos ressuscita e nos faz perder o medo a nós mesmos e aos outros.

9. **Solidariedade.** Ser solidário é agir com bondade e compreensão para com o próximo, ser responsável com os outros na procura do destino comum, estando ao serviço dos outros e do bem comum.

10. **Estar alerta.** É urgente estar alerta em relação aos vírus que prejudicam a fraternidade universal: as notícias falsas, as fofocas, a indiferença, o individualismo, o relativismo, o racismo explícito ou dissimulado, en-

tre outros... e tomar as vacinas apropriadas para cada vírus.

11. **Educar.** O Papa Francisco convida-nos a “armar” os nossos filhos com as armas da ternura, da proximidade, da solidariedade, do diálogo, a ensinar-lhes o bom combate do encontro, porque a vida não é tempo que passa, mas tempo de encontro; ou nos salvamos todos ou não se salva ninguém.

12. **Esperança.** A esperança dá solidez a estes desafios e atitudes, abre-nos aos grandes ideais que tornam a vida mais bela e digna. É urgente manter um olhar de esperança face à realidade da vida pessoal e comunitária, uma esperança que nos faz caminhar sempre na alegria, que para nós é a alegria do Evangelho.





Rotunda na Benedita renomeada Luíza Andaluz

A rotunda do centro da vila na Benedita passou a designar-se Luíza Andaluz, fundadora do Centro Social Paroquial da Benedita e da congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima, numa cerimónia inserida nas comemorações dos 75 anos da instituição social



AGÊNCIA ECCLESIA

Conferência Episcopal UMA JMJ “DE ANÚNCIO À JUVENTUDE”

O presidente da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) deseja que a próxima Jornada Mundial da Juventude (JMJ), que Lisboa recebe em 2023, seja aberta a “todos os jovens”. “As jornadas são uma organização da Igreja Católica, por iniciativa do Papa, para os jovens. Quereríamos muito que não fossem só jovens católicos e que fossem outros, porque assim é que a Igreja cumpre a sua missão”, referiu D. José Ornelas, aos jornalistas, no final da 200.ª Assembleia Plenária da CEP, que decorreu em Fátima, de 12 a 15 de abril. O prelado falou de uma “jornada da juventude, para a juventude e de anúncio à juventude”, com atenção às “periferias”, e destacou o convite à participação de todos, numa atitude de “diálogo, abertura, acolhimento”. “É uma tradição das jornadas, de estarem abertas”, precisou.

Em conferência de imprensa, D. José Ornelas revelou ainda que Conferência Episcopal está muito preocupada com o impacto económico da pandemia. “O que temos já é um acréscimo muito grande de pedidos para pagar faturas de água, de luz, alugueres e ainda vai agravar-se com o fim das moratórias. Os contributos das famílias também são menores”, lembrou, lamentando que haja “paróquias que já estão insolventes do ponto de vista da sua administração local”. No comunicado final da Assembleia Plenária, os bispos manifestam também “a sua preocupação pela sustentabilidade das instituições de solidariedade social”.

O Episcopado aprovou uma Nota Pastoral a propósito dos 25 anos da Peregrinação Nacional dos Acólitos, que ocorre a 1 de maio, no Santuário de Fátima. “Os Bispos aproveitam a ocasião para saudar todos os acólitos e acólitas das nossas Dioceses portuguesas e agradecer-lhes o dom do inestimável serviço ao altar da Eucaristia e à comunidade cristã”, refere o comunicado.



Pastoral Sócio-Caritativa Cardeais portugueses no congresso diocesano

O Centro Pastoral de Torres Vedras vai acolher, no dia 15 de maio, sábado, o Congresso Diocesano da Pastoral Sócio-Caritativa, com o tema ‘Sair com Cristo ao encontro de todas as periferias’ (CSL, n.º 53), que conta com a participação dos cardeais D. Manuel Clemente e D. José Tolentino de Mendonça. Numa mensagem enviada ao clero e às instituições sociais da diocese, o Departamento da Pastoral Sócio-Caritativa, que organiza o encontro, revela que está prevista a participação presencial e também online, sendo que a inscrição, para qualquer uma das modalidades, é obrigatória e pode ser feita através do site do Patriarcado de Lisboa (www.patriarcado-lisboa.pt).



Vinha de Raquel Elba Ramalho participa em webinar sobre o aborto

A cantora Elba Ramalho é uma das oradoras do webinar que a Vinha de Raquel (www.vinhaderaquel.org) vai organizar, em três sessões, em maio. Este ciclo, que decorre sempre às 21h15, tem início no dia 3 de maio, segunda-feira, com a artista brasileira e também com Lucivânia Abreu a falar sobre ‘A realidade do aborto no nosso tempo’. No dia 7, sexta-feira, Diogo Costa Gonçalves e Francisco Vilhena da Cunha abordam o ‘Panorama do aborto em Portugal’ e, a encerrar este encontro online, no dia 10 de maio, o padre Anderson Marçal e Maria José Vilaça explicam os ‘Encontros de Misericórdia e Vinha de Raquel’.

Inscrições: <https://tinyurl.com/axu4swjp>

Comunidade Vida e Paz celebra 32.º aniversário e assina parceria População sem-abrigo de Odivelas no horizonte da ação

A Comunidade Vida e Paz iniciou, oficialmente, a sua atividade de apoio à população sem-abrigo do concelho de Odivelas, através da assinatura de um Acordo de Parceria com o Município de Odivelas, o Centro Comunitário Paroquial de Odivelas e a Junta de Freguesia de Odivelas.



“Este acordo surge no âmbito do Projeto ‘PIO – Projeto de Inclusão de Pessoas em Situação de Sem-Abrigo em Odivelas’ que visa reforçar a intervenção promotora da integração das pessoas em situação de sem-abrigo por forma a que ninguém tenha de permanecer na rua por ausência de alternativas”, salienta um comunicado da instituição tutelada pelo Patriarcado, divulgado a 16 de abril, sublinhando que a Comunidade vai “colaborar na gestão do projeto” e vai ter “a presença, a tempo inteiro, de um gestor de caso que irá colaborar nas equipas de rua a realizar diariamente”.

Entretanto, no 17 de abril, a Comunidade de Vida e Paz assinalou o 32.º aniversário, com “uma celebração simbólica”, via Zoom.

“O Senhor Cardeal-Patriarca deixou uma

mensagem de gratidão à Comunidade, destacando a sua vontade em tanto fazer com tão poucos recursos, à altura da sua constituição, fazendo uma alusão ao Evangelho no mundo. D. Manuel Clemente ressaltou, ainda, o papel da Comunidade, enquanto resposta imediata e verdadeira de apoio às necessidades das pessoas em situação de sem-abrigo e afirmou que ninguém pode ficar paralisado perante a imensidão dos problemas que se apresentam, apelando à ação de todos porque é assim que se cria futuro”, revela uma nota.



OLEGÁRIO
PACKAGING & LABELS

Uma indústria gráfica com história e visão no futuro

A Olegário é uma referência de excelência em produtos e serviços nas áreas de embalagem e rotulagem. Servimos, essencialmente, os setores da indústria farmacêutica, indústria alimentar, indústria vitivinícola e indústria de higiene e limpeza do lar.

a criar boa impressão
desde 1922

olegario-fernandes.pt

Relatório sobre a Liberdade Religiosa no Mundo, da Fundação AIS

A PANDEMIA DA VIOLÊNCIA

Da Nigéria a Moçambique, do Paquistão ao Chile, da China ao Mali... os relatos sucedem-se até à náusea. São crimes de ódio, pessoas violentadas na sua dignidade, nos seus direitos mais básicos. São pessoas que fogem, que estão na mais absoluta indigência. São vítimas da perseguição religiosa no mundo. O número assusta.



Cerca de 67% da população mundial vive actualmente em países onde há graves violações da liberdade religiosa. Esta é uma das principais conclusões do relatório publicado esta semana, dia 20 de abril, em Lisboa em simultâneo com as principais capitais europeias. Estes sessenta e sete por cento significam cerca de 5,2 mil milhões de pessoas. De forma exaustiva, foram analisados todos os países do mundo. Mais de trinta especialistas estudaram documentos, relatos publicados em jornais e revistas, en-

trevistaram pessoas, visionaram imagens. Em mais de 800 páginas pode ler-se como vai o mundo no que diz respeito a uma das liberdades básicas, inscritas na Declaração Universal dos Direitos do Homem: o famoso artigo 18º. As conclusões são alarmantes.

A catalogação do crime

Os números sucedem-se de forma trágica. Cada um destes algarismos representa uma quantidade impressionante de pessoas. Muitas destas

pessoas deixaram de ser livres ou nunca souberam o que isso significa. Há mulheres escravizadas, crianças-soldado, raparigas roubadas às famílias e colocadas em rede de tráfico sexual... Os países são agrupados por categorias. Há aqueles em que se registam casos de “violação da liberdade religiosa”, há os de “discriminação” e os que estão catalogados como de “perseguição”. Nove países aparecem nesta categoria pela primeira vez: sete em África (Burkina Faso, Camarões, Chade, Comores, Repú-

blica Democrática do Congo, Mali e Moçambique) e dois na Ásia (Malásia e Sri Lanka).

O ‘califado’ em África

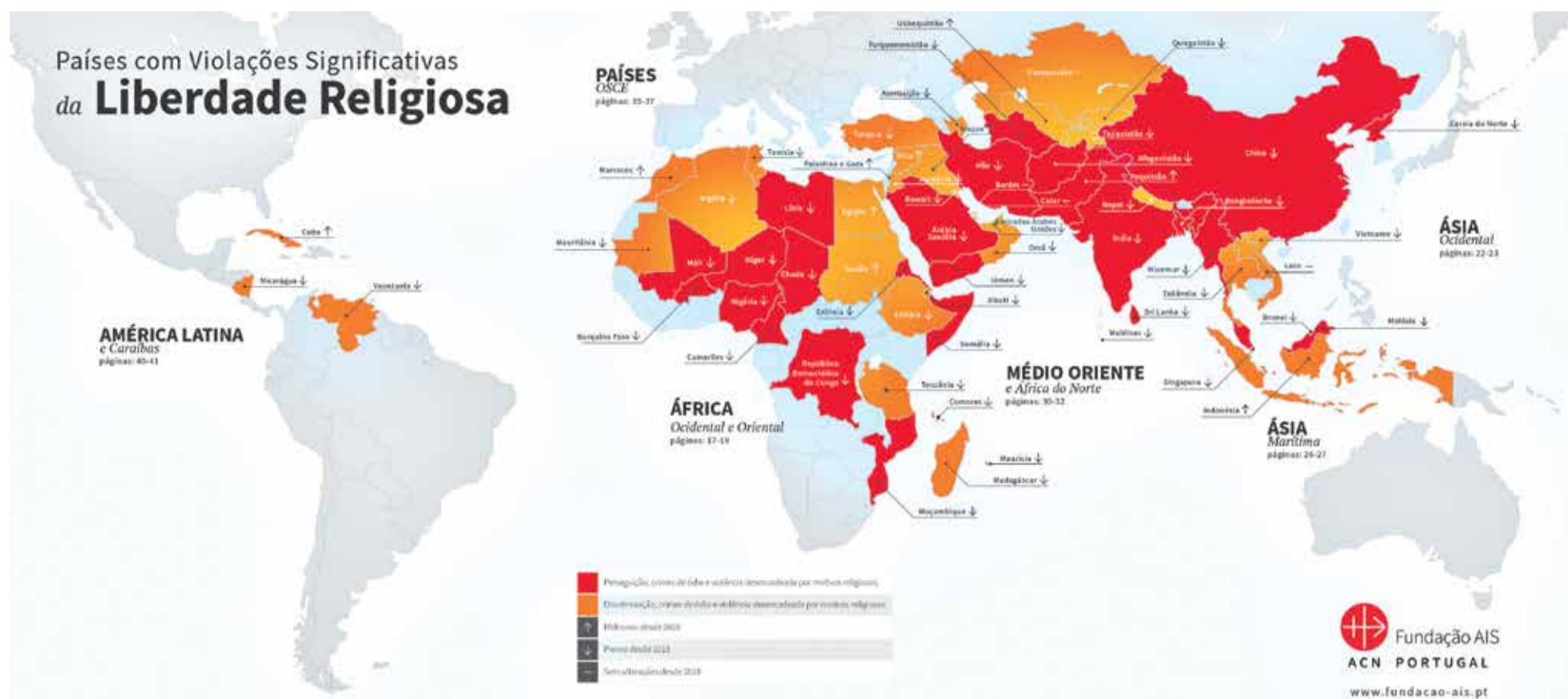
África é um continente onde se regista, de dia para dia, um número crescente de casos de perseguição de minorias religiosas. Há um padrão comum à maioria destes países caídos nas malhas do extremismo: a presença de grupos jihadistas que aspiram à criação de um vasto ‘califado’. A cada dia somam-se histórias de terror, de assassinios em massa, de pessoas executadas a sangue frio, de aldeias que se esvaziam, da impotência dos países frente a esta ameaça armada. Moçambique é só um dos países onde isto está a acontecer. Cabo Delgado é apenas um lugar no mapa na ambição jihadista. O Burkina Faso é outro destes países.

Mulheres e crianças

A perseguição às minorias religiosas implica, com uma frequência também alarmante, a violência sobre as mulheres e as crianças. Em alguns países, isso ocorre muitas vezes perante a complacência criminosa das próprias autoridades. É o caso, por exemplo, do Paquistão. A Fundação AIS tem procurado denunciar casos de jovens raparigas, por vezes ainda crianças, que são raptadas das casas dos seus pais, são violentadas, forçadas a casar e a converterem-se ao Islão. Padrão comum nestes casos, a pobreza das famílias cristãs ou hindus, as duas principais minorias religiosas neste país. A iníqua lei da Blasfémia também tem continuado a fazer as suas vítimas. O caso de Asia Bibi, uma mãe de cinco filhos que foi condenada à morte por blasfémia por ter bebido um copo de água de um poço e que só não foi enforcada graças a uma impressionante campanha internacional a seu favor, é apenas um exemplo. Uma história com final feliz apesar de esta mulher cristã ter passado quase uma década numa minúscula cela, sempre debaixo das ameaças mais tenebrosas.



Papa Francisco num encontro inter-religioso na Planície de Ur, no Iraque, o local do nascimento do Patriarca Abraão.



**67% da população mundial -
- 5.200 milhões - vive em países* com
graves violações à liberdade religiosa**



* Em muitos deles, as minorias religiosas são as mais atacadas.

**IMPACTO DA COVID-19
NA LIBERDADE RELIGIOSA**



O 'Big Brother' na China

O relatório da Fundação AIS destaca também uma tendência que começa a ser comum em países como a China, muito centralizados e com baixos níveis de protecção dos direitos humanos. O abuso da tecnologia digital. A inteligência artificial permite a vigilância de multidões nomeadamente através de alta tecnologia de reconhecimento facial. Com estes instrumentos, através de câmaras de vigilância, sensores, 'scanners', num país autoritário governado pelo Partido Comunista, começa a soar o alarme face ao potencial persecutório que todos estes instrumentos representam. E por vezes, a perseguição nem precisa de metodologias subtis. Na província de Xinjiang, apesar dos protestos da comunidade internacional, calcula-se que haverá pelo menos cerca de 1 milhão de pessoas, pertencentes à comunidade uigure, em "campos de reeducação" onde estão sujeitas a "detenção arbitrária em massa, tortura e maus-tratos", como se pode ler no Relatório da AIS.

Assistência negada

A perseguição religiosa acontece por vezes nas circunstâncias mais adversas e até absurdas. Quando seria de imaginar uma maior solidariedade entre as pessoas numa situação difícil, como por exemplo a pandemia do coronavírus, aquilo que se assiste é a discriminação punitiva das comunidades minoritárias, os mais frágeis, mais pobres, mais indefesos. Mesmo sabendo-se que estas comunidades sobrevivem normalmente com grande dificuldade, recorrendo a trabalhos duros, mal pagos e incertos. O confinamento decretado pelas autoridades conduziu muitas famílias cristãs a situações dramáticas de pobreza. No Paquistão ou na Índia, por exemplo, houve inúmeros relatos de casos em que foi negada a assistência humanitária às minorias religiosas.

texto por Paulo Aido,
Fundação Ajuda à Igreja que Sofre

QUANTOS CRISTÃOS PRECISAM DE MORRER?

Todos os seres humanos têm direito à liberdade de pensamento, consciência e religião. O artigo 18º da Declaração Universal dos Direitos Humanos é claro. Todos têm direito a professar, ou não, uma religião. Têm direito a rezar e a não serem molestados, nem perseguidos, nem violentados por isso. Têm o direito de praticar a sua religião de forma pública ou em privado.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos foi adoptada pelas Nações Unidas em 1948. Vai fazer, em Dezembro, 73 anos. Desde então são praticamente incontáveis os casos de homens, mulheres e crianças que foram perseguidos, por vezes de forma brutal e humilhante, por causa da sua fé. Quantos crimes foram cometidos que nunca chegaram sequer a ser notícia? Nunca saberemos. Mas sabemos, e é inquietante, que os Cristãos são a comunidade religiosa mais perseguida no mundo e que nunca como nos tempos actuais houve tantos mártires, tantas pessoas que perderam a vida por causa da sua fé. É inquietante que o mundo, no que diz respeito à liberdade religiosa, seja hoje um lugar ainda mais perigoso do que em 1948, quando se escreveu a Declaração Universal dos Direitos Humanos. É inquietante e triste.

Sri Lanka, Paquistão, China...

Neste preciso momento há pessoas atrás das grades, em prisões do estado ou às mãos de grupos terroristas, por causa da sua fé, por serem cristãos. Apenas por isso. De que vale haver uma Declaração Universal dos Direitos do Homem quando alguém perde a vida por ir à missa ao domingo quando essa Igreja, que devia ser um lugar de paz, é sacudida pela violência brutal de uma explosão, como aconteceu no Sri Lanka, na Páscoa de 2019? De que vale haver uma Declaração Universal dos Direitos do Homem quando jovens, às vezes ainda crianças, são raptadas e forçadas a casar e a mudar de religião perante a complacência criminosa das autoridades, como acontece, com uma frequência aflitiva, no Paquistão? De que vale haver uma Declaração Universal dos Direitos do Homem quando raparigas são levadas à força da sua escola e mantidas em cativeiro, como escravas, às mãos de grupos jihadistas, como já aconteceu tantas vezes na Nigéria, por exemplo. De que vale haver uma Declaração Universal dos Direitos do Homem quando fiéis, sacerdotes e bispos são perseguidos, as suas igrejas são destruídas ou encerradas à força, como têm ocorrido na China, por decisão das autoridades?

Quanto vale um cristão?

De que vale haver uma Declaração Universal dos Direitos do Homem quando as pessoas são perseguidas e mortas violentamente e obrigadas a fugir, aos milhares, deixando para trás as aldeias e vilas, por vezes totalmente queimadas e destruídas, onde nada é poupado, nem sequer as igrejas, as escolas, os centros de saúde, como tem acontecido em Cabo Delgado, no norte de Moçambique?

O artigo 18º da Declaração Universal dos Direitos do Homem é um bom exemplo de como os bons princípios são por vezes apenas letra morta. Os cristãos são a comunidade religiosa mais perseguida no mundo. Pergunto: quanto vale a vida de um cristão no Sri Lanka, ou na China, ou no Paquistão, ou na Nigéria? Quantos cristãos precisam de morrer para que o mundo se indigne de verdade? Quantos cristãos têm de ser perseguidos, violentados e humilhados para que o mundo perceba que as proclamações de direitos de nada valem quando nada se faz em sua defesa? A Fundação AIS publicou mais um relatório sobre a Liberdade Religiosa no Mundo. Este documento é precioso. A sua leitura deve indignar-nos. A nossa indignação deve mobilizar-nos e a nossa acção deve ajudar a mudar o mundo.

JUNTE-SE A NÓS EM WWW.FUNDACAO-AIS.PT | 217544000



Cáritas Portuguesa lança campanha solidária de consignação de 0,5% do IRS

Cáritas: Amor que Transforma

O ano de 2020 é um ano determinante na vida das famílias portuguesas, muitas obrigadas a pedir ajuda fora do seu seio familiar pela primeira vez. A redução de rendimentos foi uma das principais consequências da covid-19, obrigando muitas pessoas a pedirem apoio à rede Cáritas. Nos últimos 10 meses, através do programa “Inverter a Curva da Pobreza em Portugal”, foram 10.073 as pessoas, de 27 nacionalidades diferentes, que a Cáritas apoiou de norte a sul do país com cerca de 350 mil euros. Este é um programa desenvolvido especificamente para responder aos efeitos sociais e económicos da pandemia. Porque cedo a rede nacional Cáritas, através da sua presença em todas as dioceses e a partir delas junto das comunidades locais, percebeu que os efeitos desta Pandemia iriam ultrapassar as barreiras da emergência de saúde. A estas somam-se, ainda, mais de 122 mil pessoas que, em 2020, para além da resposta no âmbito do covid-19, foram apoiadas pela rede nacional Cáritas, comporta por 20 Cáritas Diocesanas.

Esta é a missão da Cáritas, promover o desenvolvimento Humano, com vista à transformação da sociedade e a defesa do Bem-Comum, e fomentar a partilha de bens e



a assistência em situações de calamidade e emergência. Por isso, quando há uma emergência, fragilidade social e económica, a Cáritas já está no terreno. Ajudamos de forma imediata e em continuidade, porque somos presença e proximidade, em todo o país.

Ao celebrar 65 anos de serviço e de cuidado ao próximo celebramos também a nossa História e todas as palavras que a marcaram. Todos sabem pelas notícias e pelas estatísticas que muitos são os que, pela primeira vez, tiveram de se aproximar de instituições como a Cáritas para pedir ajuda. Nós, mais do que as estatísticas, e apesar das máscaras,

conhecemos o seu olhar, ouvimos a sua voz, estamos presentes! São homens e mulheres, famílias que tiveram de travar a fundo nos seus planos e sonhos ao ver os seus investimentos ser reequacionados. Cada uma delas guardava consigo ansiedades e medos traduzidos em palavras que repetiam atrás das máscaras, muitas inaudíveis e invisíveis para o exterior, mas não para a rede Cáritas que esteve sempre próxima das pessoas, transformando o medo e o desespero com palavras de ânimo, cuidado, alento e amor. A Cáritas Portuguesa lança a campanha solidária de consignação de 0,5% do IRS

com o propósito de apoiar as famílias em Portugal, que contam, cada vez mais, com a sua ajuda. A consignação de IRS é efetuada ao preencher a declaração de IRS até 30 de junho. Este é um ato sem custos para o contribuinte, que pode optar por entregar 0,5% do seu IRS a uma instituição sem fins lucrativos em vez de o entregar ao Estado. Indique o NIF 500 291 756 e está a contribuir para a rede Cáritas.

Saiba como ajudar em www.caritas.pt/irs ou siga os passos da imagem.

texto: Cáritas Portuguesa;

fotografia: Cáritas/Noell Georg



Cáritas Diocesana de Lisboa CÁRITAS: “SOCORRO DE DEUS”

Entre janeiro de 2020 e fevereiro deste ano, a Cáritas Diocesana de Lisboa (CDL) doou às paróquias, centros sociais e paroquiais, Cáritas Paroquiais e organizações da Igreja ou de matriz cristã, 735 mil euros. Este valor alimentou famílias, pagou o acesso a bens essenciais como a água, a eletricidade, as comunicações, suportou rendas de casa, a compra de medicamentos, a aquisição de próteses oculares e dentárias e custeou o melhoramento de equipamentos, que hoje apoiam, com serviços melhorados, mais pessoas.

Em contexto de pandemia, com o agravamento de persistentes dificuldades e o surgimento de novos pobres e de novas necessidades, o combate à fome, por vias que não exponham, nem retirem dignidade às pessoas com graves carências económicas, tem sido uma constante

prioridade da CDL, a par do apoio ao ensino à distância, através da doação de computadores, a funcionar em espaços disponibilizados e acompanhados por diversas paróquias da diocese de Lisboa. Ninguém deve passar fome, como ninguém deve ficar privado de progredir na sua educação por falta de meios técnicos.

O Bem, bem feito não espera nada em troca de quem ajuda a reerguer-se e a caminhar pelo seu próprio pé, mas há sempre quem decida testemunhar pela palavra, a importância do Bem recebido, num determinado momento da sua vida. No fundo, a sua gratidão garante e encoraja a dedicação com que a Cáritas procura responder à pobreza e exclusão de muitos, e apela a que nunca ninguém se canse de colaborar com o que é e possa ter de seu, em momentos de maior ou menor necessidade.

“O apoio que a Cáritas me dá tem sido muito importante a nível alimentar e também a nível dos medicamentos, em especial das vitaminas que tenho que tomar e não têm participação e são muito caras. Muito obrigado.”

Pessoa apoiada pela Cáritas Paroquial de Oeiras

“Querida agradecer a oportunidade de me terem emprestado um computador, nestes meses de quarentena, com computador tem sido um alívio em tanto. Tenho feito muitos trabalhos e assistido a muitas aulas, não só eu, mas também as minhas irmãs. Estamos muito agradecidas por nos ajudarem de certa maneira, e claramente graças ao nosso Despertar que fazem todos os possíveis ao seu alcance para estarmos todos bem e nunca faltar nada.”

Pessoa apoiada pela Cáritas Paroquial de Camarate e Associação Jovem Despertar



com **Aura Miguel**
Jornalista da Rádio Renascença,
à conversa com Diogo Paiva Brandão

Roma /09

“Desarmar sentimentos negativos com a oração”

O Papa Francisco lembrou que as “preces vocais” são uma “âncora”. Na semana em que o Vaticano lançou um novo projeto multimédia, o Papa escolheu o tema do primeiro Dia Mundial dos Avós e dos Idosos e pediu gestos de paz na Ucrânia. O Papa emérito Bento XVI celebrou 94 anos.



1. O Papa Francisco deu continuidade ao ciclo de catequeses semanais que tem dedicado à oração, sublinhando a importância que a Bíblia dá às palavras. “Se, perante a violência, não houvesse palavras para tornar inofensivos os maus sentimentos, para os canalizar de modo a não serem prejudiciais, o mundo inteiro seria inundado por eles”, referiu o Papa, na audiência-geral de quarta-feira, 21 de abril, pedindo aos cristãos que mantenham a “prece vocal” como referência nas suas orações, porque ela é como uma “âncora” e “a mais segura”, porque pode ser praticada sempre. “Nenhum de nós nasce santo, e quando os sentimentos negativos batem à porta do nosso coração, devemos ser capazes de os desarmar com a oração e com as palavras de Deus”, afirmou, na biblioteca do Palácio Apostólico, no Vaticano. Francisco pediu que não se despreze o exemplo dos mais velhos, que considerou os “grandes intercessores” das paróquias. “Deveríamos ter a humildade de certos idosos que, na igreja, talvez porque a sua audição já não é aguda, recitam em meia-voz as orações que aprenderam quando eram crianças, enchendo a nave de sussurros”, considerou, lamentando que haja quem menospreze esta forma de estar e rezar, como se fosse uma coisa de “ignorantes”. “Não se caia na soberba de desprezar a oração vocal, a oração dos simples, a que Jesus nos ensinou: Pai-Nosso que estás nos céus”, acrescentou. No final da audiência-geral, Francisco saudou os ouvintes de língua portuguesa, a quem deixou o convite para que nunca abandonem “as orações simples que aprendemos desde pequenos no seio da nossa família e que guardamos na memória do coração”, porque “são vias seguras de acesso ao coração do Pai”.

2. O Vaticano lançou, no dia 20 de abril, um novo projeto multimédia, com uma série de vídeos denominados ‘Beleza escondida - Os segredos dos Museus do Vaticano’. A iniciativa, em articulação entre os Museus do Vaticano e o portal Vatican News, pretende revelar “os segredos das coleções pontificias, histórias pouco conhecidas e curiosidades universalmente ocultas por detrás da beleza”. Os conteúdos divulgados online e nas redes sociais pretendem oferecer um novo olhar aos Museus do Vaticano que, nos últimos meses, permaneceram fechados devido à pandemia. O primeiro episódio destaca uma das obras identitárias dos Museus do Vaticano, o ‘Torso Belvedere’, um torso incompleto de homem, em mármore branco, da escola ateniense do primeiro século antes de Cristo, que inspirou vários artistas, incluindo Miguel Ângelo.

3. Durante a pandemia, o Papa Francisco decidiu instituir, pela primeira vez, o Dia Mundial dos Avós e dos Idosos e, para fixar este evento, escolheu o quarto Domingo de julho, próximo da festa litúrgica de São Joaquim e Santa Ana, avós de Jesus, que a Igreja celebra a 26 de julho. Assim, em 2021, o primeiro Dia Mundial dos Avós e dos Idosos assinala-se a 25 de julho e o tema escolhido pelo Santo Padre foi divulgado esta semana: ‘Eu estou contigo todos os dias’. Em comunicado, o Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida refere que o objetivo deste tema é “expressar a proximidade do Senhor e da Igreja à vida de cada idoso, especialmente neste momento difícil de pandemia”. “É também uma promessa de proximidade e

de esperança que jovens e idosos possam entender-se mutuamente”, pode ler-se no comunicado.

Para este dicastério, “não são só os netos e os jovens que são chamados a estar presentes na vida dos idosos, mas os avós e as pessoas idosas também têm uma missão evangelizadora, uma missão de anunciar, de rezar e de gerar jovens para a fé”. A Santa Sé incentiva as dioceses do mundo inteiro a prepararem, nas igrejas locais e realidades associativas, a celebração deste dia dedicado aos avós e aos idosos e propõe-se, em meados de junho, fornecer algumas ferramentas pastorais que estarão disponíveis no site www.amorislaetitia.va.

4. O Papa apela a que se evite o aumento da tensão na Ucrânia. Francisco manifestou preocupação com as sucessivas violações de cessar-fogo e aumento de atividades militares na zona oriental e pediu gestos que promovam confiança, reconciliação e paz. “Observo com preocupação os acontecimentos em algumas áreas do leste da Ucrânia, onde nos últimos meses aumentou a violação do cessar-fogo, e com inquietação o aumento da atividade militar”, afirmou, na oração Regina Caeli, desde a janela do Palácio Apostólico, no Vaticano, pedindo “gestos capazes de restabelecer a confiança recíproca e favorecer a paz”, e lamentando a “grave situação humanitária” em que se encontra a população da região.

No passado Domingo, 18 de abril, o Papa disse estar feliz por voltar à varanda. “Graças a Deus, podemos reunir-nos de novo nesta praça, para o nosso encontro dominical e festivo. Digo-vos uma coisa: sinto

saudades da praça quando tenho de presidir ao Angelus, na biblioteca. Estou feliz. Dou graças a Deus e agradeço-vos a vós, pela vossa presença”, declarou.

5. Para assinalar os 94 anos de Ratzinger, cumpridos a 16 de abril, a produtora espanhola Goya Production lançou, naquele dia, o documentário ‘Bento XVI, Papa emérito’, com a assinatura de Andrés Garrigó. O filme recolhe testemunhos de vários colaboradores, cardeais e amigos do Papa emérito, incluindo o seu secretário pessoal, arcebispo Georg Gaenswein, e revela que muitos deles tentaram dissuadir Bento XVI da decisão de resignar, mas que Ratzinger nunca se arrependeu.

Também a imprensa italiana destaca uma recente edição que reúne homilias e comentários ao Evangelho escritas por Ratzinger, ‘100 omelie e Commenti ai Vangeli’, com prefácio do cardeal Angelo Comastri que, há oito anos, era vigário do Papa para a Cidade do Vaticano e testemunhou a sua despedida do Palácio Apostólico. “Assim que vi o Santo Padre Bento XVI sair do elevador, apercebendo-me da gravidade daquele momento, comecei a chorar. E espontaneamente saíram-me do coração estas palavras: ‘Santo Padre, é um momento de tristeza’. O Papa Bento XVI olhou para mim, quase surpreendido, e depois tocou suavemente com a sua mão na minha face, como se quisesse enxugar uma lágrima, e sussurrou-me, com voz suave: ‘Não, nenhuma tristeza! Só Jesus é indispensável e Jesus continua a segurar o leme da barca da sua Igreja! Avance com confiança!’ Nestas palavras pude sentir o perfume da sincera humildade e da fé forte do Papa Bento XVI”, partilhou.

O exemplo de um padre que dedicou a vida aos cristãos do Paquistão

Um homem invulgar

Em mais de 45 anos de sacerdócio, o Pe. Emmanuel Yousaf tem-se destacado na defesa da pequena e frágil comunidade cristã do Paquistão. Ele não é um simples padre. A defesa das vítimas da lei da blasfémia ou das raparigas cristãs raptadas e forçadas a casar têm sido algumas das lutas em que tem estado mais empenhado. O Pe. Yousaf é um exemplo da coragem na defesa das minorias num país onde a liberdade religiosa é espezinhada quase todos os dias...



Esta semana foi divulgado, em Lisboa e a nível internacional, o mais recente Relatório sobre a Liberdade Religiosa no Mundo. Neste documento, um dos mais importantes publicados em todo o mundo, aparece em destaque a figura do Pe. Emmanuel Yousaf. Durante mais de 45 anos como sacerdote, ele já salvou a vida de muitas pessoas vítimas de injustiça e de perseguição religiosa no Paquistão, e teve um papel essencial na defesa da dignidade dos Cristãos. Director da Comissão Nacional de Justiça e Paz do Paquistão, o Pe. Yousaf é também um grande amigo da Fundação AIS. A sua história mostra que é sempre possível contrariar as adversidades e lutar pelo bem comum. Mesmo num país onde os Cristãos podem ser condenados à morte acusados de blasfémia por terem bebido, por exemplo, um simples copo de água de um poço. Como aconteceu com Asia Bibi, uma cristã, mãe de cinco filhos, que hoje vive no Canadá e que não chegou a ser enforcada graças apenas a uma poderosa campanha internacional que envolveu, entre várias instituições e personalidades, a Fundação AIS e o Pe. Emmanuel Yousaf.

Militante do bem

Mas são muitas as histórias da vida deste homem que se tem destacado na defesa dos mais fracos, dos mais humildes e perseguidos no Paquistão. No Prefácio do Relatório sobre a Liberdade Religiosa no Mundo, lançado terça-feira, dia 20 de Abril, em Lisboa e nas principais capitais europeias, o Pe. Emmanuel conta algumas das lutas em que esteve envolvido ao longo destes anos. Merece ser lido. “Quando os cristãos que trabalham nos campos e fornos de tijolos não receberam a sua devida porção de trigo ou arroz, dirigi-me aos senhorios e proprietários dos fornos pedindo-lhes que dessem salários justos e pusessem fim a esta injustiça. Quando descobri que rapazes e raparigas da minha paróquia não recebiam a educação que mereciam, criei escolas e residências para estudantes. Trabalhei em comunidades rurais em

que os cristãos não eram respeitados devido à sua fé e fui proibido de entrar em lojas, restaurantes e cafés...”

O contágio da pobreza

O relato prolonga-se por vários parágrafos em que descreve as lutas em que esteve envolvido. Há pormenores que merecem ser sublinhados. São pequenas notas referentes ao quotidiano dos cristãos, uma pequena comunidade religiosa que tem sofrido humilhações e violência perante o silêncio cúmplice do mundo. Diz o Pe. Emmanuel que, em muitos lugares onde costumava ir, “os nossos fiéis não podiam [sequer] tocar em copos ou outros utensílios alimentares utilizados pela comunidade dominante”. Absolutamente terrível. Os Cristãos a serem olhados como seres inferiores, impróprios, como se transportassem uma doença, como se a pobreza fosse contagiosa. Entre as histórias que conta, o Pe. Emmanuel Yousaf recorda as raparigas cristãs que são sistematicamente roubadas às suas famílias. É um drama imenso que continua escondido no Paquistão. A Fundação

AIS tem procurado denunciá-lo também ao mundo. Mas o mundo parece preferir fingir que não sabe, que não escuta os lamentos destas famílias, destas raparigas que por vezes são apenas crianças... “São crianças que, apesar de serem menores, são raptadas, forçadas a converter-se e a casar, e que também sofrem violações e outros abusos. A situação destas raparigas demonstra que viver como uma minoria religiosa no Paquistão está a tornar-se cada vez mais um problema.”

A história de Salamat

O Pe. Emmanuel conta-nos ainda uma história que revela em toda a sua tragédia como pode ser dramática a vida dos cristãos no Paquistão. É a história de Salamat Masih e dos seus dois tios. Salamat, de apenas 12 anos de idade, foi acusado de escrever comentários blasfemos sobre o Profeta Maomé. Os dois tios também foram acusados. O miúdo nem sabia ler nem escrever. Isso, no entanto, para as multidões em fúria, vale pouco. Os três foram acusados de blasfémia. Como muitas ve-

zes acontece nestes casos, houve uma tentativa de assassinato. Quiseram fazer “justiça” pelas próprias mãos. Os três foram alvejados. Um dos tios morreu, o outro ficou ferido, assim como Salamat. “Trabalhei incessantemente com o advogado da família para anular a sentença e acabámos por ser bem-sucedidos. Infelizmente, o juiz que os absolveu foi também assassinado a sangue-frio pelos extremistas...” Esta história, dramática e triste, é, infelizmente comum no Paquistão, um dos países mais perigosos do mundo para os cristãos. O Pe. Emmanuel Yousaf agradece, no texto que escreveu para o Relatório sobre a Liberdade Religiosa, o trabalho e a dedicação da Fundação AIS. Na verdade, nós é que temos uma dívida de gratidão para com ele, para com o Pe. Emmanuel, que é, de facto, um homem invulgar!

texto por Paulo Aido,
Fundação Ajuda à Igreja que Sofre

www.fundacao-ais.pt | 217 544 000



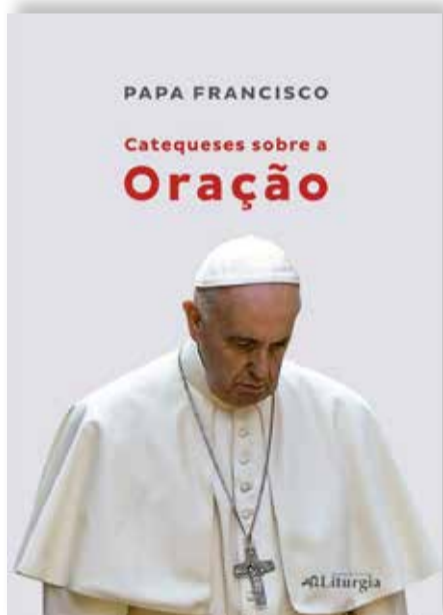
O Pe. Emmanuel Yousaf envolveu-se activamente na libertação da Asia Bibi. Nesta foto, à esquerda, junto com o marido (Ashiq Masih) e uma das filhas (Eisham Ashiq) de Asia Bibi, acompanhados pelo seu advogado.

SUGESTÃO CULTURAL

Catequeses sobre a Oração

As catequeses do Papa Francisco sobre a oração, proferidas nas audiências semanais, estão agora reunidas em livro. “Apresentadas numa linguagem simples, estas catequeses ajudam os fiéis a tomar consciência da importância da oração e a perseverar até nos momentos sombrios da vida, pois ela «é a primeira força da esperança. Reza-se e a esperança cresce, aumenta. Diria que a oração abre a porta à esperança», como salienta o Papa”, refere a sinopse de ‘Catequeses sobre a Oração’, que foi publicada pelo Secretariado Nacional de Liturgia que, com esta “edição económica”, pretende “divulgar e facilitar o acesso a estas reflexões, que se destinam a toda a Igreja e como tal devem ser acolhidas”.

Informações: <https://livros.liturgia.pt>



À PROCURA DA PALAVRA

DOMINGO IV DA PÁSCOA ANO B

“Ninguém Ma tira [a vida],
sou Eu que a dou espontaneamente.”
Jo 10,17



Dar a vida... em liberdade

pele P. Vítor Gonçalves

Coincide este ano o Domingo do Bom Pastor com o 25 de abril, Dia da Liberdade. E é uma feliz coincidência para reflectir como a experiência da fé cristã e do mandamento do amor precisa ter por base a liberdade: de acreditar, de escolher, de seguir e de amar. Lembra-nos S. Paulo: “Foi para a liberdade que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes e não vos sujeiteis outra vez ao jugo da escravidão” (Gal 5, 1). Na sua vida pública, Jesus sempre procurou libertar: da doença, do pecado, da religião condenatória, das falsas ideias sobre Deus e sobre o homem, do preconceito e do julgamento, do medo e da morte. Como não rejubilar por tudo o que liberta e responsabiliza a humanidade no seu crescimento? E conhecendo situações em que a vida é tirada, ganha uma força maior o “dar a vida” que Jesus repete, por cinco vezes, nas oito frases do evangelho de hoje! Há experiências extremas de fra-

gilidade, em que a vida é posta em causa, difíceis de descrever, e este tempo de pandemia tem-nos colocado no meio de muitas. Tanto mais que se conjuga o desejo de liberdade (de máscaras, de restrições, de confinamentos...) com a necessária responsabilidade que nos revela como “pastores” ou “mercenários” uns dos outros. Em muitos casos não se descobre como aconteceu o contágio. Mas sabemos como o podemos dificultar. E trata-se também de dar, ou não, vida! E quando acontece, confrontamo-nos com as nossas forças, com a fé ou a sua ausência, com a luta ou o desalento. É profundo o testemunho que o psiquiatra Daniel Sampaio partilha no “Expresso”: “Contactei com o desespero, eu que sou habitualmente uma pessoa calma. Foram momentos em que me encontrava desamparado e achava que me devia deixar morrer. Mas encontrei também em mim uma resistência que achava que não

tinha. [...] Fiz muitos balanços da minha vida e foram sempre positivos. Constatei que o mais importante que fiz foi ter constituído uma família. [...] Eu tive uma boa carreira, mas, sem qualquer demagogia, o mais importante que construí foi a família.”

Podemos conjugar de muitos modos as imagens do “mercenário” e do “pastor”: um vive centrado em si e o outro volta-se para os outros; um foge nas dificuldades e o outro defende e protege; um serve-se e o outro procura servir; um quer acumular e o outro não desiste de dar; um deseja a glória pessoal e o outro promove o crescimento; um exalta-se e o outro apaga-se. Um e outro, habitam também em nós! Na mensagem que o Papa Francisco escreveu para este Dia Mundial de Oração pelas Vocações, é possível avaliar, à luz de S. José, como respondemos aos chamamentos que Deus nos faz. Com que liberdade e alegria “damos a vida”!

DOMINGO V DA PÁSCOA – ANO B (2 DE MAIO)



DEPARTAMENTO DE LITURGIA DO PATRIARCATO DE LISBOA

USO LITÚRGICO	CÂNTICO	COMPOSITOR	FONTE
Entrada	Cantai ao Senhor	F. Silva	CN 273 / CEC I 159
Ofertório / Pós Comunhão	Aquele que permanece em Mim	M. Luís	CAC 257
Comunhão / Ofertório	Eu sou a verdadeira vide	C. Silva	CN 447 / CEC I 163
Comunhão	Se permanecerdes em Mim	C. Silva	OCoc 271
Pós Comunhão	Deus é amor	M. Luís	CEC II 54 ¹
Final	Povo resgatado, proclamai as maravilhas	Teodoro S.	CS 12

¹ Será suficiente cantar o refrão duas vezes.



Tweets da Semana

“Ser cristão não é antes de tudo uma doutrina ou um ideal moral, é a relação viva com o Senhor Ressuscitado. #EvangelhoDeHoje”

18 de abril

“Até a morte trema quando um cristão reza, pois sabe que cada pessoa que reza tem um aliado mais forte do que ela: o Senhor Ressuscitado. #Oração #Páscoa”

15 de abril



Papa Francisco @Pontifex_pt

“Nesta Semana de Oração pelas #Vocações peçamos por aqueles que se sentem vocacionados, para que sejam no mundo um sinal de uma Páscoa que está aí, para entrar em cada casa, em cada família e, com o Espírito de Jesus Cristo, ganhar outra alma, precisamente na entrega aos outros.”

18 de abril



D. Manuel Clemente @patriarcalisboa

Editorial

LIBERDADE PARA QUÊ?

P. Nuno Rosário Fernandes, diretor
p.nunorfernandes@patriarcado-lisboa.pt



Por vezes pergunto-me: para que serve a liberdade? Pode parecer estranho, sobretudo questionar a liberdade quando, em tantos lugares, não existe liberdade, ou é limitada, condicionada...

Segundo o dicionário mais consultado na internet, o Wikipédia, a liberdade é a “condição daquele que é livre; é a capacidade de agir de si mesmo, e denota a ausência de submissão e de servidão”. A liberdade está, também, relacionada com o denominado livre arbítrio, questão mais filosófica e teológica que se traduz na vontade livre de escolha, ou seja, nas decisões livres que são dadas por Deus ao Homem.

No entanto, pode colocar-se a questão: a liberdade deve permitir fazer uso dela para fazer o mal? Somos livres de escolher por uma das duas vias, mas se Deus é Amor, e nos criou para o bem, ao dar-nos o livre arbítrio espera,

da nossa parte, a prática do bem. Mas também nos permite escolher pelo mal e é por isso que, tantas vezes, usamos mal a liberdade que nos é dada e falhamos no bem, distanciando-nos, assim, de Deus. Por isso, somos livres, mas precisamos saber usar a liberdade que temos. Usamos mal a liberdade quando fazemos o mal, seja ele qual for prejudicando outrem, ou a nós mesmos, e até mesmo a nossa relação de co-

munhão com Deus. Por seu lado, usamos bem a liberdade quando fazemos o bem, pondo em prática o plano de Deus.

O conceito da liberdade é muito mais do que aqui se pode escrever e pode ter muitas interpretações, a partir do que são determinadas ideologias políticas ou teorias filosóficas, mas nós somos verdadeiramente livres quando somos capazes de escolher, não o que queremos, mas o que Deus quer.

“Somos livres de escolher por uma das duas vias, mas se Deus é Amor, e nos criou para o bem, ao dar-nos o livre arbítrio espera, da nossa parte, a prática do bem.”

PODCAST

Ep. 12, com o irmão Manuel Silva, dos Maristas, disponível desde o dia 22 de abril, em <https://leigosquecontam.podbean.com>



FICHA TÉCNICA

Registo n.º 100277 (DGCS) - Depósito legal: 137400/99; Propriedade: Nova Terra, Empresa Editorial, Lda.; Gerência: Francisco José Tito Espinheira, Joaquim Daniel Vieira Loureiro e Maria Teresa Alves Vieira Novo; Capital Social: 100.000 euros - Seminário Maior de Cristo Rei (95%) e Patriarcado de Lisboa (5%); NIPC: 500881626; Editor: Nova Terra, Empresa Editorial, Lda.; Tiragem: 5300 exemplares; Diretor: P. Nuno Rosário Fernandes (p.nunorfernandes@patriarcado-lisboa.pt); Site: www.vozdaverdade.org; Redação: Diogo Paiva Brandão (diogopb@patriarcado-lisboa.pt), Filipe Teixeira (filipeteixeira@patriarcado-lisboa.pt); Colaboradores regulares: Aura Miguel, P. Vítor Gonçalves; Fotografia: Arlindo Homem, Filipe Amorim, Luís Moreira; Opinião: António Bagão Félix, A. Pereira Caldas, Guilherme d'Oliveira Martins, Isilda Pegado, José Luís Nunes Martins, P. Alexandre Palma, P. Duarte da Cunha, P. Gonçalo Portocarrero de Almada, P. Manuel Barbosa, P. Nuno Amador, Pedro Vaz Patto; Colaboração: Cáritas Diocesana de Lisboa, Departamento de Liturgia, Fundação Ajuda à Igreja que Sofre, FEC - Fundação Fé e Cooperação, Setor de Animação Vocacional, Setor da Pastoral Familiar, Serviço da Juventude, Comissão Justiça e Paz dos Religiosos; Design Gráfico e Paginação: Divide by Two, Lda - www.dividebytwo.pt | office@dividebytwo.pt; Pré-impressão e impressão: Empresa do Diário do Minho, Lda. - Rua de São Brás, 1, Gualtar, 4710-073 Braga - comercial@diariodominho.pt - Tel: 253303170; Distribuição: Urgentissimo Transportes, Lda. (Enviália) - Rua Luís Vaz Camões, s/n, Zona Industrial Arenas, 2560-684 Torres Vedras - Tel: 261323474; Sede do Editor e Sede da Redação: Mosteiro de São Vicente de Fora - Campo de Santa Clara 1100-472 Lisboa - vozverdade@patriarcado-lisboa.pt; Serviços Administrativos: Sara Nunes, de 2ª a 6ª-feira, das 9h00 às 16h00, Tel: 218810556, Fax: 218810555, saranunes@patriarcado-lisboa.pt.



ASSINE JÁ!

Faça a sua assinatura e receba o jornal, em sua casa, durante um ano.

Faça hoje mesmo a sua assinatura, escolhendo uma das seguintes opções:



218 810 556
2ª a 6ª feira, entre as 9h00 e as 16h00



saranunes@patriarcado-lisboa.pt
Envie um email com os seus dados



Preencha, destaque e envie o cupão

Complete a assinatura fazendo o pagamento através do NIB 001800003724403600184, cheque ou vale postal, à ordem de Nova Terra, Empresa Editorial, Lda. O envio do comprovativo ou do meio de pagamento deverá ser feito para Nova Terra Empresa Editorial, Lda. Mosteiro de São Vicente Fora - Campo de Santa Clara - 1100-472 Lisboa; fax: 218 810 555; email: saranunes@patriarcado-lisboa.pt

Nome _____

Morada _____

Código postal _____ - _____ Telefone _____

Email _____ NIF _____ N.º Assinante _____

Assinatura anual: Individual (20 €) Benfeitor (25 €) Benemérito (30 €)